



Jornal das Senhoras – Tomo V. – 7 de maio de 1854 – Edição 19

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00019.pdf

3º ANNO.

TOMO V. -- DOMINGO, 7 DE MAIO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

CHRISTINA FAZENDO OS SEUS COMPRIMENTOS.

Em boa hora vim cumprimentar as minhas queridas leitoras.

O dia da volta ao seio da amizade é sempre de grande prazer para quem esteve por algum tempo ausente das pessoas que ama e estima: o abraço dá-se mais apertado, a conversação é mais animada, mais cheia de novidade; as horas correm docemente; e ha muito que contar, por pouco mesmo que se tenha gozado.

É pois neste momento que a Christina se apresenta á todas as suas queridas leitoras, dando um abraço muito apertado em cada uma , e de caminho dizendo-lhe ao ouvido este segredinho, que deve ser bem guardado, por sahir cá do fundo do peito: « A Christina considera-vos, senhora, uma de suas amigas tambem, desde que tendes a summa bondade de ler-lhe os seus escriptos, dando-lhes o devido desconto em favor da insufficiencia de sua autora: ella continuará a envidar suas forças, despendendo o insignificante cabedal que possue , para bem servir-vos sempre contente da honrosa missão que exerce. »

O segredo parece que foi compridinho, e com ares de comprimento de embaixador; não importa: dai-me por isso mesmo a paga que ousou esperar de vós: continuei a obsequiar a vossa Christina com a vossa amizade e protecção, que ella ficará satisfeita.

Em boa hora vim cumprimentar as minhas queridas leitoras.

Não sejam sómente as modas parisienses o unico objecto que venha occupar absolutamente as paginas todas dos meus artigos; vistão-se ellas, uma vez tambem , das côres do patriotismo; enfeitem-se com as florentes grinaldas do amor da patria, e descrevão o *toilette* de honor, o *toilette* da mulher que ama o paiz natal orgulhando-se de vel-o n'uma risonha existencia caminhas veloz a um futuro grandioso aos olhos do vindouros.

A hora em que me congratulo com as minhas queridas leitoras por mais um facto glorioso, por mais um acto magnanimo, por mais um passo dado para o engrandecimento do nosso paiz uascente, bello e cheio de vida, é uma hora feliz, de verdadeiro prazer para nós outras que desejamos anciosamente a prosperidade do Brasil, nossa patria, e que lhe admiramos os passos agigantados do seu progresso.

Qual de nós, que presenciámos a magestosa inauguração da estrada de ferro de Mauá, não sentiu pular-lhe o coração de alegria ao correr por caminho de ferro, ali construido, pertinho da côrte, sentadas nos coxins de uma commoda

carruagem, voando rapido de Mauá ao frangoso em 23 minutos!

Qual de vós, ao lerdes nos jornaes do dia seguinte as lindas e verdadeiras descripções da grande festa, não sentiu no intimo do peito uma pancadinha de orgulho satisfeito, um ardente desejo de voar á esse logar embarcar em uma das carruagens, para gozar do suave viajar por estrada de ferro?

E esse suave e rapido viajar, essa estrada de ferro que será o impulso para outras muitas que atravessarão todo o Imperio, não farão um dia a melhor parte da felicidade do Brasil? Oh! praza a Deus que sim. Tanto penso eu; por isso me congratulo com as minhas queridas leitoras.

Qual de nós deixará pois de apertar agradecida a mão do empresario dessa grande-obra!

Nem uma. Eu fallo por todas: todas votamos mil agradecimentos ao homem que nos proporcionou um bem da vida, um principio de felicidade, um passo seguro ao progresso do nosso paiz.

Aceite o Sr. Barão de Mauá nossos parabens pelo feliz exito da sua empresa: não esmoreça da fadigosa carreira que encetou , que o — ser util á Patria — é um dos mais bellos brazões que pôde ennobrecer um nome.

Não vos descrevo, queridas leitoras, o alegre domingo que passámos em Mauá, por já delicadas e amestradas pennas vos terem dado conta minuciosa de todo o festejo, na immediata segunda-feira; e além disto temo com muita razão incorrer na censura de haver abusado da vossa bondade, repetindo o que já foi escripto com espirito e belleza.

Dir-vos-hei sómente que voltava de Petrotropolis, depois dos meus quatros mezes de ouro passados ali, muito de proposito para presenciar a inauguração da estrada de ferro e tomar uma viagem para a côrte, quando me vi, quasi de improviso, entre a mais bella e elegante reunião de senhoras e cavalheiros da nossa boa sociedade, que chegavão neste momento ao Fragoso nas carruagens da primeira corrida.

Corri a abraçar amigas e conhecidas: vi muitos olhos bonitos que ha quatro mezes não via: vi delicadissimos *toilettes* de passeio ornando corpinhos de uma perfeita gentileza: vi uns caracões de cabellos pretos brincando sobre um rosto, não claro nem moreno, e uma lunetasinha levada de vez em quando a uns olhos expressivamente feiticeiros... que me fizeram inveja, ainda mesmo sendo já meus conhecidos, ha tanto tempo. Dei fé de tudo. Revistei a casa toda do commendador Albino, conversando com suas duas irmãs, que são excellentes senhoras: passeei por toda a parte no pouco tempo que me restava, e por fim, despedindo-me das minhas delicadas e interessantes companheiras de Petropolis , que havião tambem descido a serra para verem a função , parti para Mauá com o *mundo elegante* nas carruagens a vapor.

Lá entrámos para a grande barraca do magnifico jantar de oitocentos talheres: obsequiosa e delicadamente fomos servidas; e ás cinco horas da tarde pretendemos fazer viagem para a côrte, a qual só pôde affectuar-se já tarde e infelizmente com desgostos que podião ser bem funestos.

Aqui paro, queridas leitoras; ainda sinto os arripios do susto por que me fez passar o caboclo *Guarany*, e tremo ao recordar-me do que poderia acontecer de peor com semelhante selvagem tomado de razões com duas empedernidas *feiticeiras*.

Por precaução, e para que me não acenseis de vos dar sómente noticias velhas, vou participando-vos que já estou de voltas com jornaes e figurinos, estudando a materia, vendo e revendo as modas, para vos dar conta de tudo e principiar em termos a vida de vossa fiel interprete das novidades parisienses.

Bonsoir.

Cattete , 5 de Maio.

Christina.

O BAILE DA SYLPHIDE.

Ha muito tempo que desejavamos fazer parte dessa brilhante pleide de jovens senhoras, que com seu escriptos abrilhantão as columnas deste jornal; mas, conhecendo a incapacidade de nossa fraca intelligencia, desistiamos deste nosso desejo, contentando apenas com deleitarmo-nos com a leitura sempre agradável que em todos os Domingos soe offerecer-nos o Jornal que nos pertence, e que para mais braço é em sua maior totalidade escripto por pessoas do nosso sexo. Hoje porém não podemos vencer a vontade de alguma cousa dizer ácerca do ultimo baile da *Sylphide*, na noite de 29 do mez passado; e por isse pedimos perdão pela ousadia que tomamos, em querer tambem, com as nossas mal alinhavadas linhas, revelar segredos de nossa alma, e fazer conhecer aquillo que sentimos por ocasião desse baile. Será a nossa estréa no jornalismo, mas nosso coração se explicará sem fingimento; talvez sem espirito e graça necessaria; porém a penna manifestará a verdade; porque é sempre com ella que falla o coração da mulher.

Nunca são insipidos os momentos que se gastão em ler a descripção de um baile; porque nesta leitura vai em prazer de recordação para aquelles que lá estiverão, e um sentimento doce para os que não forão. — E' um instanté do presente vivendo horas do passado; e ha sempre um sorriso, um suspiro, e uma saudade para uma tão bella leitura.

Para a noite de sabbado passado habia um alvoroço do *mundo elegante*, porque nessa noite devia ter logar o baile da *Sylphide*, e este baile depois de que é d'elle Presidente o Sr. Dr. Joaquim Gaspar de Almeida, pertence ás Sociedade de primeira ordem. A chuva porém parecia

— 147 —

querer contrariar os desejos do *elegantismo* fluminense. Que de pragas não se rogarião ao maldito tempo? quantos arrufos, enfados, e zanguinhas não taria essa impertinente chuva de toda a tarde? Mas está provado: um baile de primeira ordem, para ser brilhante, deve ser depois de grande chuva: ainda vivem bem impressas as saudades do ultimo baile do *Cassino Medico*.

A *Sylphide* deu o seu baile, apesar do tempo, e a reunião esteve por demais encantadora: foi um dos bailes brilhantes que se tem dado. Um crescido numero de lindas moças, uma luzida reunião de homens, e em tudo isto via-se o que ha de mais elegante na Sociedade fluminense. — Na nossa opinião primárão os *toilettes* côr de rosa, e de filó branco e azul ; estas duas jovens, além de serem lindas, como devem ser os anjos do Céu, vestirão-se com aprimorado gosto ; a

primeira, acclamada sempre como a rainha dos nossos salões, é constantemente elogiada, já pela delicadeza dos traços — sua belleza de fórmulas, já pelo espirito a graça de sua conversação; a segunda compareceu na *Sylphide* desta vez para rivalisar nas graças e encantos com a sua rival dessa noite. Ainda um *toilette*-rosa de uma bella moreninha se distinguia tambem, como o das duas irmãs ornadas de flores de escamas. O feiticeiro anginho de S. Domingos lá estava — era um perfume do Céu. Havia muita menina bonita, muitos olhos formosos, e muito semblante de alegrar um coração desanimado. Ouvimos por lá dizer que uma rosa não ostentava ali os seus fulgores, porque se enlutara; no entanto era sensível a sua falta. O grupo das meninas travessas se patenteou desta vez com a aquisição de certos olhos zues que brilharão no salão; e certos olhos negros e expressivos, com quem muito sympathisámos, desta vez faltarão, e deixarão uma rival senhora do campo, e o combatente amis senhor de si. Feliz de quem amá! Nós tambem desejamos amar; mas desconfiamos que o nosso coração não saiba bem comprehender o amor; —ao menos assim pensa uma nossa amiguinha que veio do Cajú para assistir ao baile.

E esta! — temo-nos alongado demasiadamente: para uma estréa basta; e bom não maçarmos muito aos leitores dos Jornal das Senhoras, porque então para outra vez não lerão mais os escriptos de

Francisca Oscenia.

MIRANDA DE ARAGÃO.

(Historia da Inquisição.)

— Vamos, deita mais algum vinho, disse Miranda. Bebamos esta noite, que talvez dormiremos amanhã o somno da morte.

— Melhor fôra nos deitassemos, respondeu Henrique Saint-Lorent; que para o trabalho de amanhã carecemos de vigorar as forças. Não tens tu contas a saldar com a tua consciencia, Miranda?

— Contas a saldar? Bofé que tenho, e é por isso quero beber e esquecer.

Era a vespera da batalha de Blenheim, e um incidente singular viera annuiar o coração de Miranda. Havia alguns dias que uma judia tinha vindo estabelecer-se no campo, e que, na sua dobre qualidade de vivandeira e ledora da buenadicha, communicara ao ouvida de Miranda cousas que elle não quizera ouvir, e que tinham abatido mais o seu espirito do que a lembrança da batalha que ia dar-se. A amizade que ligava Miranda a Saint-Lorent existia de ha muito; não

hesitou, pois, aquelle em communicar ao seu camarada os motivos que o trazião tão triste e acabrunhado.

— Não sou eu teu compatriota, Saint-Lorent, nem foi sempre o meu nome Miranda de Aragão. A minha patria é a Hespanha. Da minha mocidade nada te direi; basta dizer que foi desenfreada e cheia de vicissitudes, e que hoje te abro o meu coração para exigir da tua amizade o ultimo favor que tenho a pedir-lhe. Para acceder aos desejos de uma mãe, ia eu entrar na vida monastica quando quiz o acaso que eu fizesse o conhecimento de uma noviça do convento das Carmelitas. A semelhança da nossa sorte, a repugnancia que ambos tinhamos á vida para que nos destináram, uniu nossos corações com laços que a perseguição estreitava cada vez mais. Auxiliado por uma criada fiel, que, por affeição a sua ama, tudo sacrificava para nos tornar felizes, consegui tirar do convento a minha amante. Fugimos para um valle solitario nas montanhas dos Baixos Pyreneos, e com tanto cuidado e felicidade occultei eu a nossa fuga e o logar para onde iam viver, que ninguem foi no nosso alcance. Neste retiro viviamos vida feliz, contentes do nosso amor e esquecidos do mundo.

Mas o meu espirito inquieto não podia sujeitar-se por mais tempo a tão completa solidão. Pouco a pouco fui-me aventurando a sahir do nosso asylo para entregar-me aos prazeres da caça. A minha imprudencia mostrou a nossos perseguidores o caminho do nosso pobre albergue. Atravessando um dia as montanhas, olhei das alturas para a nossa habitação, e vi, com horror, que muitos soldados a cercavão. Parte da tropa conduziu Isabel em uma liteira para a aldêa mais proxima, e para ficou para vigiar os trilhos das montanhas, e prender-me mal eu descesse. Desfalleceu-me o coração. Sabendo quanto era rigorosamente castigado o crime de tirar uma noviça do convento, não me atrevi a dar um passo em defeza da desventurada Isabel. Fugi como um malvado, deixando-a entregue á sua sorte. Entrei em França, e, mal cheguei á primeira villa da

fronteira, alistei-me como soldado raso. O conhecimento que tinha da lingua franceza ea minha educação grangearão-me a estima dos meus superiores e bastante consideração no corpo no corpo em que servia. A minha promoção foi rapida; cheguei ao posto de capitão em menos de dez annos, e hoje estaria talvez coronel, se não tivesse occorrido uma circumstancia extraordinario que, mostrando-me outra vez o fantasma do amor, desconcertou todos os meus planos de ambição.

Em uma escaramuça que tivemos com um esquadrão inimigo fiquei perigosamente ferido, e fui deixado em uma pequena aldêa, para ali ser curado. Uma judia chamada Zagurina, essa mesma furia que hoje serve de vivandeira no nosso campo, habitava em um telheiro da casa em que eu jazia cortado de dores. Tinha comsigo uma menina de dez a doze annos, extremamente formosa e que me pareceu um anjo. Mostrava-me muito carinho, e eu tomava por ella tanto interesse, que a sua presença poderosamente contribuiu para a minha convalescença. Uma sensação indefinivel de prazer se apoderava de minha alma sempre que ella estava junto a mim. A velha parecia ver com satisfação a amizade que eu consagrava a sua filha; mas raras vezes entrava no meu quarto. Apenas, porém, me restabeleci, veio visitar-me para dizer-me que se via obrigada a despedir-se de mim! Estas palavras causarão-me a maior consternação, porque já eu não podia viver sem a menina; e, pedindo-lhe que a deixasse em minha companhia, atirei-lhe uma bolsa cheia de ouro.

— Não, Sr. capitão, disse-me ella, eu não vendo a minha filha; mas se prometteis servir-lhe de pai, ficará comvosco. D'aqui a alguns annos eu a virei reclamar.

Corrido de vergonha pela offerta que fizera, levantei a bolsa; prometti de boamente tudo o que a velha exigia, e vi-me livre della. Nos primeiros dias mostrou-se a menina mui penalizada por a ter a mãi abandonado; mas os meus carinhos a tranquillisarão, e pouco a pouco foi ella esquecendo-se da velha. Estava eu no firme proposito de nunca mais me separar della ; mas a idéa de que a judia podia voltar um dia para reclamar-a me fazia estremecer. Levado deste receio, resolvi fazel-a irregoalmente minha, e occultal-a a todo o mundo. Eduquei-a em um logar retirado onde o coração me formei se está agora cultivando, e onde espero encontrar essa paz e felicidade que foi e é ainda o principal objecto da minha vida.

— E, contudo, respondeu Saint-Lorent, deixaste segunda vez tudo o que te é grato pelos tumultos e perigos do campo da batalha!

— O amor da gloria despertou outra vez em mim a dormente paixão pela vida militar. Não posso perder a occasião de adquirir fama. Aquella que eu adoro ver-me-ha ainda com mais prazer se eu voltar coberto de honras. Se eu pudesse apagar as recordações do passado, fora a minha ventura sem senão; mas a judia que infesta o nosso campo sabe o meu segredo. Vem da Hespanha para espiar minhas accções, e será causa da minha ruina; mas farei desaparecer o espectro antes das minha nupcias.

Henrique prometeu-lhe que fallaria á judia, e que faria todos os esforços para a obrigar a dizer os motivos que a tinham trazido ao campo.

— Muito bem, respondeu-lhe Miranda, tratemos agora do assumpto que tantos cuidados medá; amanhã marcharei para o campo com o coração tranquillo. Henrique, tu és rico e

independente, e, logo que a guerra acabar, retiras-te do exercito; promette-me , pois, pela amizade que nos une, que, concluida que seja a campanha, procurarás descobrir Isabel para obter o meu perdão. Eu não posso voltar mais á Hespanha! Promette-me o que te peço, e aquietarás meu coração agitado. Toma este anel que me deu a judia, que pertenceu elle a Isabel; nunca o tires do dedo, para que te recordes sempre de tua promessa. E agora toquemos os copos camarada; á saude dos que escaparem da refrega de amanhã!

Henrique metheu o anel no dedo. Ouviu-se então um pequeno rumor na porta da barraca, e, olhando os dous amigos, virão a judia espreitando o que dentro se passava.

— Sêde bemvida, furia, que cheguais a tempo!

Abriu-se logo a porta, e entrou a velha.

— Ou hei de agora, bradou Miranda, penetrar nos mais intimos escondrijos do vosso coração, ou arrancar-vos do peito vosso fatal segredo!

— De pouco vos servirá isso, respondeu a velha; mas que é que pretendéis saber?

— Quero saber quem vos deu o anel que hontem me mettestes no dedo, e por que motivo pronunciastes com tanta emphasis um certo nome.

— Senhor! replicou a velha, o anel não foi furtado, alguém o perdeu; e, se não me engano, restituído foi por mim a seu dono verdadeiro.

— Não preciso de vossos presentes disse-lhe Miranda, e se estímais a vida, bom será não fazer perder-me a paciencia. Dizei-me já quem sois, e o que mim sabeis.

— Respondei primeiro a uma pergunta minha, e depois tudo sabereis. Onde está minha minha filha?

— Pelotiqueira, bradou Miranda, ella já não é tua, é minha! e nunca, nunca tu a iniciarás nos mysterios da tua infame profissão!

— E' isso cousa com que não deveis importar-vos, tornou a velha ; peço-vos instantemente que me entregueis minha filha. Eu, sua mãe , a reclamo de vós.

— Não a levareis por certo. A rapariga é minha e não ha poder na terra que m'a possa arrancar!

— Entregai-me minha filha, e vos deixarei contemplar ainda uma vez estes lindos olhos, disse a judia tirando do seio uma caixa de marroquim e apresentando-lh'a aberta.

Miranda arrancou-lhe a pintura das mãos, e ao fitar os olhos nella escapou-lhe dos labios o nome de Isabel. Arrojou-a porêem de si com horror, e pegando de Zagurina bradou:

— Confessa, feiticeira, onde e como soubeste a minha fatal historia.

— Senhor, sois mortal, disse ella com muita

vehemencia; talvez que a morte feche amanhã os vossos labios; declarai-me pois aqui onde para minha filha. Se recusais fazel-o, buscarei quem a isso vos obrigue, e então todo o campo saberá quem é o fugitivo Miranda de Aragão.

— Não! que saberei eu livrar-me de tuas garras!

E levantando-se puxou pela espada, e levado pela ira, teria atravessado o coração da judia, se Henrique lhe não detivera o braço.

Miranda forcejava por desprender-se do seu amigo, quando entrou na barraca uma ordenança que da parte do commandante em chefe vinha chamar todos os officiaes ao quartel general. Zagurina recuou dous passos, e disse a Henrique:

— Agradeço-vos, senhor, a vosa interposição; mas ficai certo que me vão teria elle assassinado. Miranda quer guarda a todo o custo minha desventurada filha, mas elle a não merece, que no seu coração nunca teve entrada o amor nem a fidelidade... Vós sois amigo deste homem altivo e arrogante; vêde, eu vos imploro se podeis ter noticias de minha filha; disso depende a paz de muitos corações, e o meu presagio não sei que me advinha.

Henrique não pôde deixar de desapprovar a conducta de Miranda; mas as ordens que acabavão de receber os obrigárão a separar-se

A batalha começou na madrugada seguinte em toda a linha. A jornada foi das mais terribes; a victoria desamparou os estandarter francezes, e muitos forão os bravos que nesse dia cahirão atravessados pelas balas ou espadas inimigas, que no campo forão esmagados pelos pés dos fogosos corseis. Henrique, ao avançar rapidamente atravez do campo, viu em pequena distancia uma mulher ajoelhada junto a um homem ferido, e approximando-se reconheceu o seu amigo Miranda banhado em sangue: perto d'elle estava a judia, desgrenhando-se os cabellos. Mal reconheceu Henrique, bradou-lhe que a socorresse; mas elle não ousou demorar-se, teve de avançar, privando-se assim da satisfação de fechar os olhos do seu amigo moribundo.

(Continua.)

POESIA.

N'UM ALBUM.

Taimer et te le dire...

(A. CHÉNIER.)

Quando surgindo no oriente
Formosa a aurora reluz,
O brilhar do sol fulgente
Não te diz que existe a luz?!
Não te diz— que chega o dia
Essa encantada harmonia,
Que da fonte transparente
Nos suspiros da corrente,
Que no perfume da flor,
Naviração , docemente
Ergue a terra ao Creador?!
Quando á noite branda a lua
Pallida e triste fluctua
No Céu azul a tremer,
Tu não sentes o teu seio
Agitar-se em vago anseio?...
Não ouves— amor— dizer
A' onda que sobre a praia
Mirando a lua... desmaia...
Até sumir-se e morrer?!
Não ouves a quente aragem
Como treme entre a folhagem,
Como diz que é sua imagem
Na paixão— tu has de ser ?!..
E queres, ó qu'rida amiga,
Que eu seja só quem não diga
Quanto sente o peito meu...
Que apague cá dentro a chamma
Que doce queima, e derrama
No coração, que se inflamma,
Reflexos da luz do Céu,
Se desde o trovão que estala
Nas azas do furacão,
Até a flor que se embala

Do monte na solidão
Tudo tem voz— tudo falla?!
No momento em que um sorriso
De ventura— ao paraíso
Minha alma afficta conduz?!
Agora que resuscito
Que da vida toda a luz
Eu vejo por vez primeira
Porque esses teus olhos fito,
Pois só agora te vi,
Minha doce companheira....
Eu, que do pêgo profundo

— 150 —

Das feias trevas sahi,
Não hei de saudar o mundo?!
Quero amar-te! Vida e lume
De minha alma.... é teu amor!..
Coitada da pobre flor
Que não tem outro perfume!
Coitada, sim! Se o no horto
Tu a deixas sem conforto
Sem com teu pranto a regradar,
Esta flor empallidece.....
Flor— perfume— hão de acabar!
Quero amar-te !.. Ai! Um instante
Como este da tanta gloria
De dizer que te amo a ti!
Deixa ao menos que em memoria
Q'rida memoria constante !
Na terra me fique a mi!!
Quero amar-te! Hei de dizer-l'o!
Pois tu não vês que é morrer

Ver a fonte no deserto....
Tel-a ao pé— e não beber?!
Se desde o trovão que estala
Nas azas do furacão,
Até á flor que se embala
Do monte na solidão,
Tudo tem voz—tudo falla
Na terra, no mar, no Céu
Tu não queiras, qu'rida amiga,
Que eu seja só quem não diga
Quanto sente o peito meu!!

IMPROVISO

AO MIMOSO TOILETTE-ROSA DO ULTIMO BAILE DA SYLPHIDE.

Mulher celeste! Anjo de primores!
Quem póde ver-te sem querer amar-te?
Quem póde amar-te sem morrer de amores?!

(MACIEL MONTEIRO)

Vi-a tão bella — formosa !
Anjo nunca vi assim!
Era a rolinha dos bosques,
Era mesmo um serafim!
Alegre adejava entre flores
Inspirando só amores!
Os encantos d'alvorada,
Da noite a maga doçura,
Não lhe igualavão feitiços,
Nem sua meiga ternura.
Era um astro de fulgores
Inspirando só amores !
Era a Lua entr' as estrellas,
Bella, donosa , engraçada ,
Um pensamento de Deus,

Um Anjo , Mulher ou Fada.

Era a lyra do Trovador

Inspirada por Amor !

Innocencio Rego

O VISIR E A CRIANÇA.

No reinado do sabio Revensacal, um bando de salteadores arabes, tendo-se fortificado sobre o cimo de uma montanha, devastavão todos aqueles contornos com seus roubos e barbaridades, tornando- temiveis aos habitantes de todo o cantão. Os encarregados da segurança publica, não podendo já proteger aquelles povos, dirigirão petições ao monarcha para que consultasse os seus ministros sobre o modo mais efficaz de serem expellidos aquelles malvados de suas guaridas enquanto ainda se não achavão completamente fortificados: accrescentando — que uma arvore, apenas plantada, facilmente se arranca, mas que com difficuldade se movia quando tinha tomado raizes — que um rio podia nas suas nascente ser desviado do seu leito com um punhado de terra ; mas que, tendo engrossado em sua corrente , arriscando era muitas vezes passal-o ainda mesmo sobre um elefante. O resultado da consulta foi que se mandou uma pessoa habil e esperta para examinar a posição dos salteadores, afim de os atacar em occasião vantajosa, dando-se-lhe para este fim um certo numero de homens, os queaes elle occultou entre os bosques e mattos proximos á montanha. Pouco depois, alguns dos ladrões, recolhendo-se á noite carregados de roubos, forão sorprendidos, e conduzidos amarrados de pés e mãos, perante o monarcha, o qual os condemnou á morte, e immediatamente os mandou executar. O visir, vendo entre os presos um joven de tenra idade, e de notavel belleza, diregiu ao monarcha as seguintes palavras: « Grande e generoso principe! Este joven apenas começa a saborear os fructos

— 151 —

da vida, ainda não lhe conhece o valor, supplico a favor deste desgraçado, e espero que V. M. se digne perdoar-lhe, cobrindo-o com o manto de sua real clemencia.

— Nunca poderá ser digno della, respondeu o rei, quem de sua natureza é máo: cortemos pois o tronco e lhe arranquemos as raizes. Por certo seria dar má idéa do nosso juizo, o matar a serpente, poupando-lhe a sua prole.

— Poderoso monarcha, tornou o visir, o que acabais de proferir é desgraçadamente verdade; porém este infeliz não ha muito quo se acha entre os salteadores, ainda não pode achar-se corrompido que pelo exemplo de seus vicios; e muito espero que se for educado entre pessoas de probidade, se torne ainda honrado e util á sociedade. E' impossivel que apenas sahido da infancia, se ache já endurecido na carreira do crime; o natural dos homens não é serem malvados, nossos apis nos inclinão para onde bem lhes parece, e mesmo, antes pensarmos, já somos a seu bel prazer mahametas, judeos, christãos ou idolatras.

— Cedo a teus rogos e lhe perdão, disse o rei; apesar de ser contra o meu parecer e inclinação. Não se deve perdoar aos máos, ainda mesmo que se achem na primavera da vida: passa-se um rio na sua nascente, mas quando vai longe da sua origem, acarreta comsigo tudo quanto ousa chegar-se-lhe.

O visir, tendo obtido o perdão do criminoso, o entregou a um habil mestre para que o instruisse em seus deveres, e de tal modo o joven se aproveitou de suas lições, que se tornou em breve a admiração de todos os que o conhecião; a ponto tal que o visir o encantado não pôde deixar de o apresentar ao monarcha, elogiando o seu adiantamento em todas as artes e sciencias. O rei ouviu tudo com socego, e sorrindo-se disse-lhe: « O lobo, ainda mesmo creado na morada dos homens, tarde ou cedo procura devoral-o »

Poucos annos depois, uns poucos de rebeldes elegêrão o joven por seu chefe, e unindo-se-lhe pelos mais fortes juramentos conspirárão contra o visir e seus filhos, a quem em breves dias assassinarão; saqueárão o seu palacio, e se retirárão para as fortes guaridas dos salteadores, onde commettêrão toda a especie de crimes e devastações.

Quando o rei soube disto, não pôde deixar de exclamar indignado — Impossivel é fazer boa espada com má folha — A educação nunca poderá tornar humano o coração que já é barbaro por natureza — As flores só podem nascer em boas terras, nas más só se gerão cardos e espinhos — Confiarmo-nos nos que uma vez forão malvados, é tão perigoso e digno de censura, como não castigar o crime.

(Traducção.)

Viscondessa da...

BOLETIM DOS THEATROS.

Deixemo-nos de tretâs, cada um no seu elemento, e o mais é historia. Isto é o que eu entendo; as cousas andando p a — pá, santa Justa, vão ás mil maravilhas, e não correm o risco dos *nabos ensaccados*, nem dos *bugalhos*.

Ora eis aqui uma mexurufada de desconxavos, mais esdruxelos que o — *caboclo de cabelleira* — do Gaivoto das moletas. Ponhamos pois tudo isto em trocos miudos.

— Andou bem, ou não andou, o Sr. Ferranti?

— Esteve bom, ou não esteve o Sr. Whitworth?

— Brilhou, ou não brilhou, o Sr. Labocceta?

— Desempenhou o seu papel, ou não desempenhou a Sra. Zecchini?

— Cantou, ou não cantou, a Sra. Cayroli ?

Leitoras, são pois precisos cinco paragraphos para esses cinco pontos de interrogação; mas o *tympanoshinha*, que não tem pressa de chegar aonde vai, pois que não ha *pontos* na repartição typographica, addiccionará mais um, respondendo a esta outra pergunta.

— Escriptura-se, ou não se escriptura a Sra. Candiani?

Quando ao Sr. Ferranti, segundo nos assegurão os entendedores da materia, não andou mal tem graça e disposições comicas ; foi muito pouco o que deixou a desejar.

O Sr. Whitworth esteve gravissimo e bom.

O brilhareti do nosso Dominico foi completo.

Solfejou soffrivelmente a Sra. Secchini.

A Sr.a Cayroli desempenhou como póde o seu papel.

— Mas em conclusão, que tal foi o Elixer?

Eis mais uma interrogação, que serpá a québra ou chôro das que lá forão. E para me não fazer de manto de seda, e não ser bahu de ninguem, dir-vos-hei que não foi lá essas cousas, e que — dispensa-se a repetição dessa catilinaria lyrica.

Ou será, talvez, porque não pesco do riscado, que fallo assim? Mas por ventura, a ventura, a maioria desses que lá vão *palmejar, bravejar, cortejar e florejar* entusiasticamente algumas dessas glotís Milanezas, pescaria mais do que eu? Qual! Deixão-se levar como carneiros, e a consequencia do negocio é darem pateados *con la miesma facilitati* com que dão ovações.

Se os ouvidos de qualquer christão, que gosa perfektissima saude, pódem encontrar a differença que vai, dos estampidos que horrisonos retumbão nas florestas annunciando os furores de proxima borrasca, ao gorgear sonoro do gaturamo que trina doces canticos á aurora que brilhante desponta, será imprudencia pedir-se á Directoria do theatro Provisorio a acquisição da Sra. Augusta Candíani?

Não nos passa pela alma, suaves, harmonicas e melodiosissimas, as notas do seu canto, arrancado (como ainda uma outra não soube) de nossos labios, applausos com que a razão se orgulha de compensar o merito?

Cada um porêem no seu elemento.... Viva S. Pedro, com a sua democracia, que é isso mesmo que convêm aos apreciadores dos chefes d'obra dramaticos. Deixemos a aristocracia para os magnates, e o lyrico para os italianos.

Oh! se eu dispozesse dos repertorios theatraes, daria vinte e nove Elixires, des de quarta-feira, por uma Clotilde de domingo! Como são horriveis aquelle *roubo e assassinato*! Como é tremendo aquelle *remorso*! como é sublime aquelle *ciume*! E é tragico aquelle *envenamento*! *Clotilde*, Quem me déra applaudir-te sempre!

Lá estava ella, com sua *carrocinha*, com o seu *ramallete*, fructo de seu amor, para offerecel-o ao seu Bernardo, seu noivo e seu sargento! Lá estava ella, Vivandeira, a pobre Marianna, que, podendo ter sido condessa, foi a simples Maria, criada da Sra. de Santo André! Lá estavam, ella e elle... elle, o sargento e general, o esposo duas vezes, o conde pelo valor, o cavalleiro da legião de honra pelos feitos, o trahido pela cegueira dos olhos e do amor!

Lá estavam todos elles, sublimes, em S. Pedro.

E no emtanto o *Elixir* no Provisorio punia-me rigorosamente, pela preferencia que lhe havia dado

O *Tympano*.

O carrasco noviço.

Tendo ha pouco tempo morrido o carrasco em Manchester, foi substituido por um sugeito que não tinha pratica alguma do officio. Comtudo, poucos dias depois da posse, elle se viu obrigado a entrar no exercicio de suas funcções, executando um celebre contrabandista. Logo que chegarão ao logar da forca: — Sabeis vós, meu amigo, diz elle ao padacente, que eu me acho em extremo embaraçado, porque ainda não enforquei pessoa alguma? — Por minha vida, lhe respondeu o padacente, que não estou eu menos embaraçado do que vós, porque em verdade nunca fui enforcado. — Pois bem; meu querido, faça cada um a diligencia da sua parte, e ficaremos ambos satisfeitos.

A certidão de morto.

Um marujo inglez foi condemnado á morte, e quiz mandar a sua mulher esta triste noticia. A carta foi escripta na quinta-feira; porém como a execução devia ter logar no dia seguinte, e a mulher só devia receber a noticia no sabbado, pensou o bom do marujo que era melhor datal-a deste dia, e eis que aqui os termos em que escreveu:

« Minha querida mulher , depois de desejar uma saude tão boa como a que, graças a Deus, gozo presentemente , tenho a dizer-te que hontem me enforcárão entre as onze horas e meio dia. A minha morte foi boa, e tive a satisfação de observar que todos me lamentavão. Lembrete de mim, e faz-me lembrado a meus queridos filhos, que já não têm pai. — Teu affeioado até o ultimo instante, etc. »

Apezar de todas as precauções do bom homem para escrever exactamente o que julgava que havia de acontecer no dia seguinte, a novidade foi falsa, porque, quando menos o esparava, foi perdoado. Porém esta repentina passagem da morte para a vida causou tal abalo em seu espirito, que esteve alguns mezes em grande perigo.

A mulher, tendo recebido a carta, por letra de seu marido, julgou-a certidão bastante da execução, e passado pouco tempo tornou a casar.

O pobre marinheiro, depois de restabelecido, julgo não poder protestar contra este casamento, porque tinha sido elle, de sua propria mão, que havia mandado á sua mulher a certidão de sua morte.

Offerecemos hoje aos nossos assignantes a linda quadrilha de contradanças, intitulada — O LAGO DAS FADAS —, composição do jovem fluminense Geraldo Antonio Horta, habil professor de piano, e já bem conhecido pelas composições de bom gosto que tem dado a publico. Sentimos, por falta da lytographia, não podermos dar toda a quadrilha desta vez: para domingo que vem serão satisfeitos os nossos assignantes.

As charas do n.º 18 são : 1.^a, *Aguia*; 2.^a, *Entremez* ; 5.^a, *Tribuno* ; 4.^a. *Apollo*.

Acompanha este.^o 19 uma linda quadrilha de contradanças, intitulada — *O Lado das Fadas*.

